

REAL EM QUEDA

Queda na cotação da moeda americana depende de fatores como boas notícias sobre um acordo do Brasil com o FMI ou de melhor desempenho do candidato do governo à presidência da República nas pesquisas eleitorais

Ajuste no dólar vai demorar

José Negreiros

Da equipe do Correio

A cotação do dólar só vai parar de aumentar quando o governo anunciar uma de duas boas notícias: as linhas de crédito bancárias e para exportação e importação estão garantidas; o saldo comercial do mês é o maior dos últimos tempos. Na falta de informações como essas, o mercado se contentaria com um relatório detalhado sobre o andamento das negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) ou a interrupção da queda do candidato do governo à presidência da República, José Serra, nas pesquisas eleitorais.

A oferta de dólares para o Brasil diminuiu em virtude do risco de vitória de um candidato oposicionista e o país tem que se adaptar a ela por intermédio de aval do FMI, acerto com bancos internacionais e maior rigor fiscal. Enquanto tal ajuste não for feito, o comportamento da taxa de câmbio refletirá a incerteza. Segundo operador de um grande banco europeu, as perdas de linhas de crédito (bancário e de comércio exterior) nos últimos meses foram superiores a US\$ 5 bilhões, sem falar no índice de rolagem da dívida das empresas por intermédio de colocação de bônus.

Essa é uma das principais razões para a escassez de dólares. Tudo o que o Banco Central vender será comprado pelas empresas para fazerem pagamentos depois que o refinanciamento das dívidas ficou cada vez mais raro. Numa situação como essa, alguns bancos se precipitaram e começaram a admitir a hipótese de moratória da dívida pública de R\$ 750 bilhões.

Segundo economista de um banco de investimento, o ambiente de negócios demorará seis meses para se recuperar. Como o dinheiro estava caro, as empresas se endividaram em dólares e depois de oito anos de juros altos (veja gráfico), a taxa de câmbio deu um salto de quase 40% em três meses, deixando as companhias sem alternativa.

FALTA INTERESSE

N o momento, há grande insegurança e ausência de investidores interessados na realização de grandes negócios — quem quer vender vê o preço em dólares cair muito e quem pode comprar vai esperar mais pelo barateamento dos ativos. O grande temor de quem trabalha com a economia real é de que o dólar chegue a R\$ 4,00 ou R\$ 5,00.

A preocupação é consequência da leitura que o mercado faz da estratégia de intervenção do Banco Central no mercado de câmbio. O estoque de dólares do BC asseguraria conforto à política cambial apenas até as eleições. A partir daí, se intensificariam os entendimentos com a equipe de transição do candidato eleito e o futuro dependeria do sucessos dessas conversas.

Uma prévia delas foram os encontros do presidente do Banco Central, Arminio Fraga, com os candidatos à presidência da República na semana passada. Ele ficou satisfeito com o que ouviu. O diálogo foi importante para a decisão tomada na segunda-feira pelo governo de mandar uma missão a Washington negociar com o FMI.

OS JUROS NO BRASIL

A trajetória da taxa básica (Selic)
Em % ao ano

O QUE É SELIC

Selic (Sistema Especial de Liquidação e Custódia) é a taxa básica de juros da economia brasileira. É cobrada nos empréstimos que o Banco Central (BC) faz aos bancos e, por isso, serve de piso para todas as outras taxas de juros. A taxa Selic é

definida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do BC. Os juros foram elevados em todas as grandes crises que o Brasil enfrentou durante o governo Fernando Henrique.

